

PERFORMANCE

Direção Artística: Catarina Lacerda

Liberano e Rodrigo Malvar

Borges e Patrícia Queirós

Design Gráfico: Sérgio Couto

Apoio na pesquisa: MEXE

ciclo Fontaínhas / S. Vítor

CURTA METRAGEM

Crianca: Luís Pêra

PUBLICAÇÃO

Liberano

AUDIOLIVRO

PORTUĞUESA

LANÇAMENTO

Tradutora: Cláudia Braga

Captação e Edição: Rita Só

Agradecimento: Agente a Norte

Assistente de Sala: Margarida Vieira

Revisão: Fernanda Vieira

Design Gráfico: Sérgio Couto

Ilustração: Luciana Bastos Gomes

Direção de Produção: Paula Silva

Direção de Atores e composição de estrutura

dramatúrgica: Catarina Lacerda, Diogo

Atores: Sara Neves, Maria Luís Vilas Boas,

Produção Executiva: José António Cunha

Um filme de Paula Preto sobre a escuta da

Borges, José Carretas, Maria Luís Vilas

Malvar, Sara Neves, Vahan Kerovpyan

Legendagem: José António Cunha

criação e pesquisa teatral Manifestações -

Com Catarina Lacerda, Diogo Liberano, Gunnar

Boas, Patrícia Queirós, Paula Preto, Rodrigo

Autor: Diogo Liberano, a partir de falas escritas ao vivo pelo elenco de performers Sara Neves,

Carretas, Gunnar Borges e Patrícia Queirós

Lacerda, Luciana Bastos, Rodrigo Malvar e

e colaborações com os criadores Catarina

Desenho e ilustração: Luciana Bastos

Coordenação: Catarina Lacerda e Diogo

Autores: Diogo Liberano, a partir de falas

escritas ao vivo pelo elenco de performers

Sara Neves, Maria Luís Vilas Boas, Vahan

Kerovpyan, José Carretas, Gunnar Borges

e Patrícia Queirós e colaborações com os criadores Catarina Lacerda, Luciana Bastos,

Captação e Masterização: Marco Conceição,

Serviços Audiovisuais, ESMAE-IPP

Narrado por Catarina Lacerda e Diogo Liberano

Rodrigo Malvar e Sérgio Couto

TRADUÇÃO LÍNGUA GESTUAL

Maria Luís Vilas Boas, Vahan Kerovpyan, José

Vahan Kerovpyan, José Carretas, Gunnar

ESTRANHO/DESCONHECIDO Dentro de você pobrevive não seria o de vir. Não estranhe o olho haveria a poliibilidade caolho que te olha. A vida - voce perceberá - te chama ao jogo da lei de não usarmos conceitos tura que nunca dita a melma a da arte pala falaremos me/ma coisa. Estranhe-se, como quem dillo que acontece entre respira. Seu moicaho que não nasceu já te chama a aparecer. O preto do nos, humanos? rosa o voo da gaiola você não va público e artista, ce o outro or outros em voce por que não amas não quem to es, mas quem poderias viv a lev ele nos conta ago e algo além do que ele nos conta aconfece con ele o que a confece nesta cena-nãocena que escapa ao que dela labemos ? que disponibilidade um aton precisa fer para excrever len gesto artistico? precisa saber ator precisa dispor-se lento imenso caudoloso (omo lento imenso lama manta Moderação: Catarina Lacerda e Rodrigo Marvar Convidados: Diogo Liberano e Joana Bértholo Operação áudio/vídeo/Zoom: Paulo Silva Apoio técnico: Equipa técnica Helena Sá e necessionax: o Tim acre ainaa nos fim? leve louco pudé nemos aceitar que o timos Apoio técnico: Equipa tecnica from Sem Costa
Assistente Produção: José António Cunha

Produção: Liliana Abreu

9/9 Costa
Assistente Produção: José António Cunua
Produção Executiva: Liliana Abreu
Produção Produção: Paula Silva e um abrir mas, um avandonar. Er autentar-mas do fim i livro-me do tim autentar-pri-lo. Abandonar-le do tim autentarsem hino Manifestações

Ainda é preciso das tehous? Manifestações

um adous combas combas?

sambas combas combas ? foema nascente a saudade do abrigo o voo incandescente este chão hão e teu pri-10. este chao apenas e

simplemente a vida mim 6 agar

também pessoas?

não Jeriam pensas?

não seria tudo illo

um dizer, uma ação

um gesto, uma coisa

um ampelo

um lapso

que não le pega

que nou le prende

que le autocontome

um instante fulgulante

não gera filhos, nem futuro das jamelas, mas não salta. o brilho brilha num instante Note triste, nem tao calma, sallei do 4º andar e o que dele lobba talvez leja apenas um relato gritando WHAT THE FUCK ?/ que tenta te dizer que algot normal sentir-se allim brilhou e o que tobla sou eu que plana que faz planos com ena cala perplexada de ataca: se en nac sofrer, "Temos de, permanentemente, aceitar e acolher que ataca: se en nac sofrer, Temos de, permanentemente, aceum e ucono a instabilidade que altera os nossos hábitos en lon homano? para não ficarmos empedernidos, secos, fechados. Temos de aceitar, definitivamente, que o pensamento é sempre provisório, temporário. Só a permanente capacidade temporário. Só a permanende mudança e de espanto para com o munao nos poderá fazer viver (e não, apenas, existir)."

Tomo Crude a Jega, Accustes ho de 2021 que le momento quista le inne o course a joba, Helderson los de 2021 he padeva não deix. crescer mais nada e 18143 nagrele momento como conversar (Como je que nos so gostamos comecamos diante de um muro muito comprido Coisa quando há muita pedra labemos o leu nome muitas pedvas Partidas outra cala como mármore branco complano talvez 2m de comprimento geometricamente de un nome algema coisa nomes a faisagem portão de em cima to mulo, Projeto de pesquisa e criação teatral que se desenvolve na relação corpo horizon a corpo da equipa com o território, Manifestações aprofunda modos e práticas de comunicação verbal e não-verbal, transportando-as para o processo de criação cénica e dramatúrgica, procurando que outras

escritas se manifestem.

espectador: concidadão.

Saltei do 4º andar

ao saltar saltei de mim

para abracar a avenidade

Toda gente se senta à beila

Mas não triste.

Diria que en ria,

lançadas a 15 de Dezembro de 2021. Delas resultaram a dramaturgia de Diogo Liberano e a curta metragem de Paula Preto, ambas Internacional de Arte e Comunidade) no Bairro das Fontaínhas/ S. Vítor, na cidade do Porto Aconteceu em setembro de 2021, integrando as perfomances a programação do MEXE (6° Encontro Ciclo S. Vítor / Fontaínhas

e imaginários. nomeia, funda e ressignifica realidades linguagem enquanto território imaterial que ugares do desconhecido e joga-se o valor da e questionamentos sobre espaços comuns e Em Manifestações ativam-se curiosidades

nidade dos que vivem. Fazemos parte da comunidade dos que morrem." performances como solo gestante a partir do qual germinam e se manifestam outros olhares sobre espaços públicos e lugares comuns. "É possível achar algo comuna entre todos nós? Todos vamos morrer. Fazemos parte da comunaridad dos partes da comunaridad de comuna entre todos nos partes da comunaridad de comunicam partes da comunaridad de comunaridad de comunicam partes da comunaridad de comunicam partes de comunicam partes de comunaridad de comunicam partes d A curta-metragem, com realização de Paula Preto, toma o processo e



connosco conversarem sobre processos de criação e escrita. convidando os criadores e dramaturgos Diogo Liberano e Joana Bértholo a A estreia da curta-metragem e lançamento da dramaturgia original, aconteceram a 15 de dezembro no Café Concerto Francisco Beja, ESMAE,











e por Cláudia Braga.







túrgico que permite que um outro texto, plural, polifónico e polissémico e um glossário de ideias prévio. Este jogo performático é o gesto dramapúblico, joga e atualiza performativamente uma estrutura de improvisação o elenco, autor coletivo, em tempo real, ante a presença manifesta do As performances a conteceram entre 23 e 26 setembro de 2021, inseridas no $6^{\rm o}$ MEXE - Encontro Internacional de Arte e Comunidade. Nelas,

se manifeste e se reescreva.

Busca a construção de um vocabulário metodológico de criação teatral que intenciona a escrita dramatúrgica como um processo dialógico, desenvolvido colaborativa e colectivamente, em tempo real perante a presença ativa, urgente e necessária de um Outro - criador, transeunte,









AFETO

Não é sinónimo de coisa boa ou gostosa, não necessariamente. Afe-tos são paixões que nos atravessam. Diz Spinosa que existem dois tipos de afetos: paixões alegres e tristes. A alegria é todo tipo de afeto que nos impulsiona a agir, aumentando a nossa vontade de existir. A tristeza, ao contrário, é todo o tipo de afeto que diminui a nossa capacidade de ação, imobilizando a nossa vontade de ser e estar no mundo. As presenças e ausências humanas nos afe-tam, mas não só elas. Uma voz muito quente, forte ou frágil, pode nos rodear, um verde pode nos tomar e nos colocar em seu colo. É possível escolher os afe-tos que nos atravessam? Que encontros te fazem vibrar?

APORIA

As palavras nos servem para esquecer, muitas vezes tentamos falar para esquecer, para sepultar o acontecimento. Primeiro transformamos expe-riências vividas em conceitos e com os conceitos nos afastamos das intensida-des. O problema dos conceitos é o esquecimento das intensidades, o esquecimento da experiência da vida. Falamos de coisas, de palavras que aludem a ou-tras palavras, temos que voltar para as intensidades. Voltar a recordar tudo com nossos corpos. Aporia, então, seria essa capacidade de frear o sentido da palavra para descobrir outros sentidos/ sensíveis possíveis/impossíveis.

ATOR/ATRIZ

Dizem que um ator, uma atriz, é aquele(a) que com o seu cor-po desperto habita um espaço e um tempo presenciais para a convocação de outras presenças. O ator/a atriz como um canal, uma fonte emissora. Atores e atrizes: praças de/para manifestações. Um povoado de possibilidades.

AUSCULTAÇÃO

Procedimento para encontro e diálogo entre um(a) e ou-tro(a), sempre feito em espaços públicos. Neste encontro, cabe ao ator/à atriz experimentar conversas e trocas com o(a) outro(a) a quem se dirige. A iscul-tação é um processo efetivo em si, ainda que rática possa se desdobrar, na sequência, num o, a auscultação é já um ato e é relacional.

BRILHO

lampejo. Um lapso. Um instante fulgurante. Que não se pega, que não se prende, que se auto consome. O Brilho. Não gera filhos, nem futuro. O brilho brilha num instante e o que dele sobra seja apenas um relato que ten-ta dizer algo que brilhou. E o que sobra sou eu com essa cara perplexa.

CAMPO

Breves enunciados que tentam nos lembrar que o sentido é uma coi-sa movediça e mutável. Sentidos mudam o tempo inteiro. Cada contexto dirá qual é o texto. Contextos mudam, textos também. Um campo é mais que um nome ou palavra. Uma palavra é mais do que o sentido imediato que fazemos dela.

CEMITÉRIO DA VENERÁVEL IRMANDADE DO TERÇO E CARIDADE

Lar-go de Soares dos Reis, Largo do Padre Baltasar Guedes, 4300-096, Porto. Você conhece alguém que more lá?

CO-I-MUNIDADE

Conceito proposto pelo filósofo alemão Peter Sloterdjck, a coimunidade implica aspectos de solidariedade biológica e de coerência soci-al e jurídica. A crise pandêmica, por exemplo, revela a necessidade de uma prá-tica mais profunda do mutualismo, ou seja, proteção mútua generalizada. Não haverá possibilidade de eu me salvar sozinho. Salvar a si mesmo, a partir de agora, pressupõe salvar o outro. Sem o outro, eu estou perdido.

CONVERSAR

nte de um muro, muito comprido, há muita , muitas pedras partidas. Toda a paisagem, o de ferro. Em cima do muro, o hori-zonte.

COMUNIDADE Se comunidade é um grupo de pessoas que com-

partilham algo em comum, podemos dizer que os seres humanos formam uma comuni-dade pelo fato de compartilharem o planeta Terra? Você é parte de alguma co-munidade? Você é parte ou participa? Duas pessoas podem formar uma co-munidade? Para estar em comunidade é preciso pensar de um mesmo jeito? O que é o comum? Quem define o que é comum? Uma comunidade gera dinhei-ro, empregos, gera tristeza, alegria? Um país é uma comunidade? Quantas ci-dades existem dentro de uma mesma cidade? O incomum faz parte da sua co-munidade? Comunidade é unanimidade? Comunidade é consenso? Incomum ou em comum? O que a noção de unidade tem a ver com comunidade? Você gosta do Natal?

CORAGEM

Acto ou processo de curar. Nas águas salgadas do mar, um corte na pele arde imenso. Não há nada com que se preocupar: o corte está em pro-cesso de cura, portanto, é preciso coragem para se curar; é preciso curagem.

CURIOSIDADE

Sua curiosidade foi comprada ou nasceu com você? É possí-vel que a minha curiosidade vire a sua? Por que aquilo que me provoca curio-sidade não te provoca o mesmo? Ser curioso é algo indevido? Querer saber é ser curioso? Como as casas respiram? Que tipo de curiosidade te consome? A curiosidade de mastiga, ela te come? Sua curiosidade tem fome de quê? Existe curiosidade fora do que é humano? Uma planta é curiosa? Uma ave tem curio-sidade? Curiosidade tem tamanho? Curiosidade ou fixação? Se você não fosse curioso seria furioso? Se você não fosse você, quem você seria? É possível ser curioso mesmo sendo preguiçoso? Curiosidades abrem caminhos? Você tem curiosidade sobre o que conversam as formigas? Tens curiosidade sobre algo que não tem a ver com você?

DESEJO

Desejar é o mesmo que querer? Você deseja apenas o possível? O que é uma máquina desejante? Como tocar num desejo? O que você compra para satisfazer seus desejos? Quem inventa os desejos que você deseja? Dese-jar é ter? Desejo é propriedade? Se um dia eu tiver tudo eu vou parar de dese-jar? Quão distante você está dos seus desejos? Quantos desejos você tem? Que idade tem o seu desejo? Seu desejo é mesmo seu? O que você deseja para si mesmo?

de seus desejos ou de seus medos? Existe un desejo? É possível pegar boleia no desejo do ou Um desejo é um raio, uma tempestade ou uma febre? Um desejo é um meio de transporte? Desejos acabam? Que cheiro tem um desejo quando mor-re?

O que desejas para o outro? Suas escolhas pa

Não consigo entender como posso desejar tanto uma coisa e quando a al-canço ela perde intensidade. A intensidade é a forma do desejo da pela coisa? Vivi intensamente, mas não é bem o que eu imaginei. Desejar e realizar são ações diferentes? Desejas algo que não apenas para si mesmo? Você é egoísta?

DIÓSPIRO/CAQUI

O dióspiro (em Portugal) ou caqui (no Brasil) é um fruto com vários benefícios para a saúde. Cuidado para não o confundir com um tomate. Seja o de tom alaranjado ou avermelhado, este fruto acompanha

a chegada do outono, nos meses de outubro, novembro e inícios de dezembro. Originário da China, o dióspiro é cultivado desde o século XVII. É uma fruta que tem poucas calorias, mas é rica em vitamina A, B1 e B2, além de cálcio e ferro. Dizem que amadurece num diálogo íntimo com os animais que preci-sam de seus nutrientes. O dióspiro estará maduro para quem estiver carente de ferro.

DRAMATURGIA

Entre nós, dramaturgia não diz mais respeito ao texto pre-viamente escrito e que, em seguida, é encenado teatralmente. Para nós, neste agora, dramaturgia é um repertório coletivo para a produ ção de encontros e conversas. Sejam encontros e conversas entre artistas ou entre artistas e desco--nhecidos (desconhecido público ou espectadores desconhecidos). Dramaturgia para nós diz respeito a uma engrenagem dialógica, apaixonada pela conversa e não pelo monólogo. É um texto coletivo, plural, polifônico e polissêmico. A dramaturgia é, por agora, um texto primordial para a escrita de um renovada ética relacional. Se for palavra, será essencialmente palavra que inaugura e con-vida ao movimento, nunca palavra moralizante nem final.

Gesto que pressupõe catar-se para escura Escutar a ação que pres-supõe interesse em disponibilidade. Consegues sair de si e ficar no outro? Co-locar-se nas mãos de um outro ser é chamamos de escu-ta. A escura considera o que já estava escrito antes mesmo de voca chegar. não tem pressa, ela talvez seja o antídoto para este mundo surdo e que não pa-ra de correr e de falar correndo. Você fala para quem? Você escuta?

EXPECTATIVA

Quem espera sempre alcança? A esperança é mesmo a última que morre? Qual é a sua expectativa de vida? E de morte? Quais são as expectativa: aquela árvore tem de voce? Voce vive de expetivas? Você vive do que? Fular o follencontra

orpo? Cante uma música. Depois pergunte: estive altura da minha própria expectativa? Você esperava que expectativa fosse outra coisa?

O fim não é o fim: comecemos polisto. Fim para nós, talvez seja algo mais como a finalidade propósito, aquilo que desfecha, ou saja, que o propósito, aquilo que desfecia, ou cia, que destrava e destranca, o fim como aquilo que abre. O fim é o propósito, por isso, o fim hunta estará pronto. O fim é sempre um meio do camina, a abertura de pos-sibilidades en terrenos que pareciam excessivamente aridos. Amorte continua vivíssima, a propósito. Quantas vezes do pamor-reu? Morte é um sinônimo para fim? I scarpe algo ruim? A morte é um pro-blema para quem morre ou para quem continua vivo? Quem continua vivó é quem fica para trás? A morte, portanto é o que está à frente? Morte é van-guarda?

a letra A mas que não me lembro como chama. A fissura que é um êxodo. A fissura ras é se apaixonar. Por que é que esta história me transtorna? Argélia? Não há nada de positivo na

guerra (talvez alguns homens tenham lucrado muito dinheiro com ela). Alexandria? Arménia? Arménia. A fissura é o desvio que desorienta. E desorientado(a), o que você conhece, o que você descobre, o que você desperta e aprende?

GLOSSÁRIO

Palavras para estimular o ator/a atriz a se (re) posicionar de modo sensível e experimental em relação ao outro quando num espaço público e/ou performativo.

HORTA COMUNITÁRIA Jardim comunitário aberto 24 horas por dia pró-ximo

ao Miradouro das Fontainhas, Porto

IMAGINAÇÃO Convergências e relações entre sons, espaços,

afinações, me-mórias e escutas que excedem o real e seus ismos. IMPAGÁVEL

O que nasce do afeto. Imaginação. Ar. Sonho. Lixo. Dignidade. Orgasmo. Conversa (exceto se for conversa com um terapeuta, aí são no mí-nimo 50€). Ação ou elemento que subverte a lógica capitalista e seus obsessi-vos gestos de marketing Foi impagável o dia em que minha avó, com um Alzheimer avançadíssimo, lembrou apenas do meu nome e não do resto da família.

ÍMPETO

Penso sobre o ímpeto, sobre o rasgar do silêncio, sobre o corte que abre o espaço. Como começar? Eis a única questão: como começar? Ela come-ça.

INCOMPREENSÃO

Meus joelhos se dobraram, mas eu não consegui tocar o chão. Eu fiquei pendurado naquele instante invisível que é a incompreensão. Dentro de mim, no centro, do estômago, eu fui sentindo nascer com pernas e vastos braços o vazio de que todos falavam mas que eu ainda não conhecia.

INFINITO

onal, abrupta e/ou delicadíssima, cau-Sensação i-nação (sintonia) entre a ação de escutar memória pessoal. Você se cala, você escuta. Algo acontece. Ûm fio ou corrente, algo anterior é encontrado e emerge. Um arrepio, a sensação táctil de que minha vida não começou em mim. Este chão não é teu nem meu. Este chão apenas é. Cá estou.

INSÓLITO

Algo que não se apresenta de maneira habitual, algo raro, inco-mum, anormal. Uma imagem, uma situação, algo que se opõe às normas vi-gentes, algo ou alguém, imagem ou situação, que não se adequa às regras ou à tradição. Um elogio ao insólito seria uma lembrança oportuna que nos diz: cada começo é só uma continuação e o livro dos eventos está sempre aberto ao meio.

JARDIM SÃO LÁZARO

Originalmente chamado de Jardim Marques de Oli-veira, porém, por estar localizado no Passeio de São Lázaro 33, 4000-507 Por-to, é também chamado de São Lázaro. Inaugurado em 1834, é o parque muni-cipal mais antigo da cidade, rodeado de grades, tem um coreto, estátuas, uma fonte e muitas solidões que se sentam em bancos, contemplam, escutam e fa-lam.

LEITURA

É quem escreve. Quem escreve é a leitura. Eu não sei o que você traz com você, portanto, mais do que dizer eu te convido a conversar. Será em conversa, via conversa, que o seu repertório de vivências e experiências vividas fará algo se escrever. A leitura é um gesto precioso de escuta e, justamente por isto, um importante gesto de escrita. Quem escreve é quem lê porque se não tivermos leitoras e leitores, escrevemos para quem? Escrevemos para quê?

MANTRA

A alegria atrapalha o teu medo: não te esqueças. A alegria pode destruir alguns projetos de mundo.

Réquiem para a vida.

Réquiem para a vida.

ATRIES

Instauram uma pergunta, um diálogo, que provocam e convocam o outro a reagir balmente sobre un universo específico. Qua universo específico. Quais rases - matrixes - abrem caminhos? Qual frase um encontro? Qual frase previamente decorada te coloca presencialmente em contato com o futuro?

Qual frase serve de asa para um voo? MEMÓRIA

Raízes. O dia em que o meu avô não me reconheceu. Você precisa lembrar das coisas para não se esquecer esse a capa-cidade de não esl, o que você esqueceria? Cite três su Memória é propriedade? tivas? Você vive do que2 Fultano fo Lenco trato morto e a causa da morte foi essa: excesso de ex-pectativas. A qual distância uma expectativa pode te colocar da vida? Há uma quanti a le mán de expectativas permitida para un mesmo ser humano? Você já roubou a expectativa? Você existe a despeito das expectativas que fizer m de você? A expectativa era ser menino ou men na! E se vier outro ser, a expectativa é quebrad? Você gasta de criar expectativa nos outros? O que é ética? Ter mor-reu? Contar histórias é compartilhar memórias? Quais histórias precisamos esquecer?

MIRADOURO DAS FONTAÍNHAS

Local paisagístico localizado à Rua de Gomes Freire

FISSURA

O dia em que o meu avô não me reconlectura a caravela qui-nhentista cruzando ocean a letra A mas que não me lembro como chartes a letra A mas que não me lembro como chartes. e Ma? Enorte ou é medo? O que a morte começa? um em a morte que merece? Você já presenci u a morte de alguém? Falar sobre a morte te ajuda a viver? No dia da sua morte haverá uma festa? Você já fez seu testa-mento? O que morre quando algo nasce? Morte ou finitude? Por que os médi-cos não podem usar metáforas para dizer que um paciente acabou de morrer? O que há após a vida? Você ainda convive com alguém que já morreu?

NÃO

Não não é um impedimento. Não é apenas uma cancela que te inter-rompe, momentamente, e que em seguida te desvia para outro curso. Quando digo não não quero te impedir de coisa alguma. Quando digo não não quero te censurar. Quando digo não quero que você entre na aventura e se permita se deslocar. Longe da linha que funda o caudaloso rio das civilizações. dizer não é desconfiar a costura do progresso. Melhor não. É melhor não. Quem cala con-sente?

PRAÇA DA ALEGRIA

Pequena praça aberta e aparentemente triangular loca-lizada na cidade do Porto. A praca é rodeada por três ruas (2 ruas com o mes-mo nome - Praca da Alegria - e outra rua chamada Rua de São Victor).

PRAÇA PÚBLICA

Lá estava. Em praça pública. Sentado sobre a grama verde, apenas observando. Observava como quem respirava. Vindo da minha esquer-da, o sol ainda me alcancava. Eram quatro horas da tarde. Havia um silêncio calmo, apesar de um ou outro carro cruzar a rua adiante. Ouvia vozes, eventu-ais. Via pessoas. Mas o que eu não via? O que é que perdi o olhar e já não con-sigo ver?

PROPRIEDADE

Quando dizemos a palavra propriedade, pensamos em pro-priedade privada? O que é público? O que é întimo? O que é privado? O que é meu é seu? Ser é ter? Ter é possuir? Eu tenho, ele tem e você? Quais são as propriedades do ouro que você roubou de mim? Propriedade diz respeito ao terreno? Propriedade diz respeito ao que é próprio? O que é próprio da hu-manidade além de matar? O que

apartamento? Você tem um gato? Ou é o gato que tem você? Tens dinhei-ro? E quem o dinheiro tem? Quanto custa um barril de petróleo? Quanto custa a sua fala? A sua fala é sua? De quem é isso que você diz que é seu? Aquilo que é próprio pode ser coletivo? Soletre a palavra propriedade com muita rapidez. Diga a palavra impropriedade em voz alta sem enrolar a língua. O que é próprio do teatro? Você sabe partilhar? Sabes dividir? Você tem medo que mexam no seu queijo? Você tem um queijo só teu? Com quantos anos você nasceu? O que

gratuito? **REIFICAÇÃO**

não pode deixar de ser de todos tem como não ser

Para o marxismo, a reificação é um processo inerente às soci-edades capitalistas que supervaloriza a produção, em detrimento das relações humanas e sociais, podendo ocasionar a perda da subjetividade, da autonomia e da autoconsciência, atribuindo ao ser humano uma natureza inanimada e automática, como coisas ou mercadorias. Ou seja: coisificação. Você fica sedu-zido pela marca, pelo fetiche da mercadoria, e se esquece que para aquele pro-duto estar nas suas mãos provavelmente foi preciso existir uma série de rela-ções exploratórias seja em relação aos seres humanos seja em relação aos re-cursos naturais do planeta Terra.

REPETIÇÃO

De algo ou alguém. Pode se manifestar co repetição interna (eu repito um movimento do meu próprio corpo) e/ou como repetição (eu repetindo a forma, o andamento, o gesto ou alguém que está fora do meu corpo). A re não é bem uma imitação. Repetição pres-supõe diferença?

REVELAÇÃO

Abrupta aparição que te chega alheia ao que escolhes. A revela-ção é um ato escritural que se coloca, que se instaura - que a disponibilidade que tens para tudo aquilo que não escolheste?

RUA DE SÃO VICTOR

Extensa rua na cidade do Porto que conecta a Praça de São Lázaro ao Largo do Baltasar Guedes. Por sua extensão, drogarias, um res-taurante coreano, a casa do Louis, uma bomba de gasolina, o Sporting Clube de São Vítor e a Casa de Fado Dom Ramiro.

SHARAWADGI

É um instante caracterizado pela sensação de plenitude que por vezes ocorre ao contemplar um som ou uma paisagem sonora de beleza extrema. Talvez seja um instante de arrepio que relembra ao corpo que o seu tecido nervoso está presente e na escuta, disponível aos encontros. A Sha-rawadji, ou seja, uma beleza que ocorre sem propósito aparente ou ordem prévia. Um susto gostoso.

SINTONIZAR

Algo como a plenitude de um(a) com outro(a). Equalizar. Equalizar você. Eu vou equalizar você numa frequência que só a gente sabe. Eu te transformei nessa canção para poder te gravar em mim. Como se as pessoas fossem ondas sonoras, porém, cada qual afinada numa estação. Onde você es-tá? Hoje amanheceu em qual frequência? Com quantos megahertz? Consigo te sintonizar?

SÓCIO

Uma das partes um contrato de sociedade. Mediante esse contra-to, cada um dos sócios se compromete a aportar um capital a uma sociedade, normalmente com finalidade empresarial. Os sócios trabalham coletivamente para desenvolver um negócio empresarial. Ou o sócio é um membro de uma associação. Por exemplo: o Sporting Clube São Vítor. Neste caso, não exis-te a finalidade empresarial, dado que a associação costuma ter uma finalida-de social. cultural, desportiva etc. É curioso, no entanto, que dentro da palavra "sócio" venha o "ócio". O ócio já foi uma forma de vida orientada para a con-templação, dedicada a um tempo social de não trabalho, tempo de descanso do corpo e de recreação do espírito. Depois, por meio da política romana do pão e circo, o ócio das massas é ocupado por performances sangrentas que despoliti-zam as massas e investem no controle do Estado sobre estas. Na Idade Média, o ócio se torna um aspeto distintivo de classes e é remetido ao consumo, de-monstrando a ostentação do poder econômico com a utilização e gasto do tempo livre ocioso. É na Idade moderna porém, devido à exaltação ao traba-lho (tornado virtude sagrada) que o Deus Capitalismo cunha a expressão po-pular "mãos desocupadas, oficina do Diabo". É preciso ser útil. É preciso servir para alguma coisa. É preciso ser produtivo e explorável. O ócio, então, anteri-ormente entendido como anti-trabalho, passa a ser sinônimo de vício e tempo perdido. Quanto custa o seu lazer? Perder tempo é perder dinheiro? E perden-do dinheiro, você ganhar o quê?

SOMBRA

Como ter uma singular relação com o próprio tempo? Como ade-rir ao próprio tempo e, ao mesmo tempo, como tomar distâncias dele? Aque-les que coincidem muito plenamente com a sua época, que em todos os aspec-tos a esta aderem, não são poetas porque, exatamente por isso, não conseguem vê-la, não podem manter fixo o olhar sobre ela. Não persiga tanto a luz. Figue com as sombras. Ser ator atriz é uma questão de coragem/curagem: significa ser capaz não só de manter fixo o olhar no escuro de sua época, mas também de perceber nesse escuro uma luz que se distancia infinitamente de nós. Mas ela está ali, piscando. Ator/atriz: ser pontual num compromisso ao qual se po-deria apenas faltar.

VIBRAÇÃO

O que nos interessa são as vibrações e os encontros que vibram.

Indicionário

Última revisão a 30 outubro de 2021.

